

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL - UFRGS
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA À DISTÂNCIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO (FACED)**

ANNA BRANDALISE PEGORARO

**CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA INFANTIL NO
DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA DE 5 ANOS**

**TRÊS CACHOEIRAS
2º Semestre
2010**

ANNA BRANDALISE PEGORARO

**CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA INFANTIL NO
DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA DE 5 ANOS**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia, pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – FACHED/UFRGS.

**Orientador (a):
Profa. Dra. Carmem Zeli de Vargas Gil**

**Tutor (a):
Alda Graciela Pereira**

**TRÊS CACHOEIRAS
2º Semestre
2010**

Dedico este trabalho aos meus pais, Claudete e Adelfo, pelo o esforço e dedicação que empreenderam para que eu pudesse percorrer a caminhada que ora se encerra, bem como por todo amor, respeito e educação que deram em minha criação.

O que realmente se fixa na memória
É o que se vive, e o que se vive
Precisa de emoção.

(Byington, 2004)

RESUMO

O presente trabalho se constitui em um estudo sobre as contribuições da Literatura Infantil no processo de aprendizagem da criança de cinco anos, baseado no estágio desenvolvido com Educação Infantil em uma escola da rede municipal de Terra de Areia. Tem como tema a literatura infantil e o desenvolvimento da criança. Dentre os objetivos principais deste trabalho, destacamos: compreender a influência da literatura infantil na criança através da contextualização, tornando-a mais próxima do mundo que a cerca; destacar a importância do contato com livros desde o início da escolarização; reconhecer a importância da narrativa e da visualidade como produtoras de conhecimentos. Os dados utilizados para o desenvolvimento desse estudo basearam-se na contação de histórias na Educação Infantil, realizadas durante a experiência do estágio. A pesquisa bibliográfica embasou os aspectos em que a literatura infantil contribuiu no processo cognitivo, bem como os ensinamentos que buscam entender a criança dentro da sua faixa etária. Com os dados e pesquisa bibliográfica construí esse estudo que é qualitativo, buscando compreender as atividades do estágio em diálogo com a teoria. Construí uma retomada do processo histórico da Literatura na formação da criança para então falar da importância que tem uma boa contação de história no desenvolvimento infantil. A necessidade da escolha de material adequado, da entonação de voz, da expressão do narrador foram alguns dos pontos citados, bem como a necessidade do professor planejar a sua aula e conhecer a história que vai ser contada, para que consiga atingir os objetivos previamente propostos. A importância de contar histórias também se dá na necessidade que a criança tem de magia e de imaginação que foi abordada no presente trabalho, como estratégia para aprendizagem. Podemos perceber através deste estudo embasado nas leituras de Piaget, Vygotsky, Nelly Novaes Coelho, entre outros, como uma aula, utilizando a contação de história, contribui para o desenvolvimento cognitivo da criança à medida que colabora com a sua aprendizagem no âmbito social e também através do imaginário na construção e reconstrução da sua realidade. A contação de história pode ser vista como uma prática do educador, trazendo a possibilidade de organizar a realidade da criança, entender assuntos diversos e proporcionar a interação com o meio.

Palavras-chave: 1- Contação de histórias, 2 – Ludicidade, 3 - Estágio.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	07
2	A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA NO DESENVOLVIMENTO E A CRIANÇA PRÉ-ESCOLAR DE CINCO ANOS	09
2.1	Características prováveis da criança de cinco anos	09
2.2	Percorrendo a história da literatura infantil	12
2.3	A importância de uma boa contação de história	14
2.4	A necessidade infantil de mágica	17
3	CONTANDO HISTÓRIAS NO JARDIM II.....	20
3.1	Ler: um jeito da criança compreender o mundo	24
3.2	Uma ideia final para começar	29
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
	REFERÊNCIAS	33
	APÊNDICE	35

1 INTRODUÇÃO

Que criança nunca se encantou com as histórias que escuta, ou ainda que adulto não lembra das histórias que ouviu na infância e que lhe deixaram impressionado. Toda vez que a criança ouve uma história e que se impressiona com ela, algo muito importante acontece porque leva para vida toda e nunca mais esquece, é através destas histórias que também entende alguns conceitos como do bem e do mal ou ainda, é numa aula de contação de histórias que a criança assume personagens.

Através das observações no meu estágio, levantei alguns questionamentos para entender de forma mais abrangente como acontece este aprendizado através da contação de história e ainda como é possível fazer essa aula tornar-se ainda mais atraente, ou o que acontece na mente da criança que faz com que a história seja tão marcante na sua trajetória escolar e porque não dizer na sua vida. Todos esses questionamentos motivaram esta pesquisa que por sua vez é também uma reflexão sobre a prática de estágio desenvolvida com crianças pré-escolares.

Desta forma, este trabalho tem por finalidade refletir sobre a contribuição da literatura infantil no desenvolvimento da criança, evidenciando como a contação de histórias, pode influenciar na aprendizagem da criança pré-escolar de cinco anos, o tipo de texto, e toda a repercussão que este tipo de aula pode produzir a partir do momento que desperta na criança produções futuras, seja ela uma representação teatral, ou ainda, uma maneira de repensar a sua vida diária partindo da condição do imaginário como representação da sua realidade e posterior ajuda na resolução de seus conflitos.

Baseado em aulas práticas desenvolvidas no estágio do curso de pedagogia, e nas pesquisas teóricas do presente trabalho, a redação que segue é, portanto, uma pesquisa qualitativa com estudo de caso, pois é uma reflexão sobre a experiência do estágio, cujos dados foram construídos pela prática de aulas na

educação infantil com crianças de cinco anos de idade, resultando em um estudo de motivado por dúvidas e questionamentos pertinentes durante as aulas, bem como a pesquisa já citada serve de embasamento para o questionamento levantado, utilizando-se de autores como Piaget, Vygotsky, Nelly Novaes Coelho, entre outros.

No primeiro capítulo este trabalho traz uma abordagem das características principais e mais significativas do período pré-operatório (período em que a criança de cinco anos provavelmente estará com suas características mais dominantes), a caracterização dos estudos de Piaget, também conhecido como epistemologia genética, bem como da atividade representativa que nada mais é do que o término do período sensório motor e início do período pré-operatório. O reconhecimento destas características é fundamental para que o educador possa entender como acontece o processo de aprendizagem desta criança de acordo com o entendimento de mundo que ela estaria vivendo, sem falar que com a caracterização do período o professor pode pensar melhor suas aulas, percebendo que tipo de atividade aquela criança precisa desenvolver para trabalhar esta ou aquela necessidade.

Após essa caracterização a escrita deste trabalho prossegue citando conceitos e entendimentos teóricos que nos levam a compreensão de como a criança assume um papel fictício durante a contação da história e como tudo isso acaba contribuindo para o desenvolvimento conceitual. Ainda há que se considerar a ludicidade como ponto de partida e de certa forma como uma artimanha para que a criança esteja atenta para o processo de assimilação da história.

2 A IMPORTANCIA DA LITERATURA NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA PRÉ-ESCOLAR DE CINCO ANOS

Este capítulo cita as características dominantes da criança de cinco anos, a partir de autores como Piaget, Vygotsky e Coelho para nos próximos subtítulos falar da contação de histórias e seu desenvolvimento social. Trata-se de refletir sobre a importância de uma boa contação durante as aulas.

2.1 Características prováveis da criança de cinco anos

Viver a educação infantil sem pensar em “historinhas” é praticamente impossível, afinal que criança nunca ouviu falar de bruxas, lobos maus, fadas... Todas estas fantasias do “era uma vez” trazem para a criança a oportunidade do imaginário, do ilusório, de viver o sentido do bom e do mau e de certa forma experimentar sensações novas.

Pensando em tudo isso, e na experiência vivenciada no estágio, resolvi pesquisar mais profundamente como o educador pode utilizar-se desta prática de contar histórias em sala de aula, e é claro, fazê-la de forma eficaz para que tudo isso colabore com o desenvolvimento da criança de forma ampla.

Para isso utilizei alguns teóricos que falam sobre o tema de forma bastante especial e com perspectivas variadas, como Piaget e seus estudos sobre os estágios de desenvolvimento, com ênfase especial as crianças de cinco anos, as quais se direciona o presente trabalho, que caracterizam a criança entre quatro e cinco anos que segundo Piaget encontra-se no período pré-operatório.

A Teoria do Conhecimento estudada por Piaget, também conhecida como Epistemologia Genética, destaca a aprendizagem do ser humano e seu desenvolvimento e que este se desenvolve em um percurso composto por diferentes estágios, procura por meio da experimentação, da observação, desvendar os processos fundamentais da formação do conhecimento. Destaca, ainda, que a criança não é um “adulto pequeno”, mas que possui um cérebro em frequente

transformação e que o processo ensino-aprendizagem deve respeitar os limites e as formas de pensamento.

Há ainda que se levar em consideração o aparecimento da atividade representativa, que marca o término do período sensório-motor e início do pré-operatório, o que modifica as condutas práticas. As primeiras reconstituições lingüísticas de ações surgem concomitantemente à reprodução de situações ausentes, através da brincadeira simbólica e da imitação, que passa a funcionar na ausência do modelo. A criança começa a verbalizar o que, até então, só sabia realizar motoramente. Todo esse simbolismo intervém de forma decisiva no desenvolvimento psicológico, enriquecendo as relações interindividuais, antes restritas à imitação de sons e gestos, devido à possibilidade de uma comunicação mais ampla com o meio, propiciada pela linguagem.

Em resumo, levar a sério as operações e as estruturas operatórias consiste em crer que o sujeito pode transformar o real, enquanto o primado das imagens e da linguagem conduz a um modelo fundamentalmente conservador da inteligência do homem (...) não se pode explicar a invenção pelo simples jogo das representações, porque a estas representações correspondem uma parte da estruturação ativa. (PIAGET, 1975, p. 39, 40)

Conforme a citação acima de Piaget, podemos perceber que transformar é uma palavra chave no desenvolvimento da criança, o que marca a passagem do período sensório-motor para o pré-operatório é o aparecimento da função simbólica ou semiótica, ou seja, é a emergência da linguagem. Nessa concepção, a inteligência é anterior à emergência da linguagem e por isso mesmo “não se pode atribuir à linguagem a origem da lógica, que constitui o núcleo do pensamento racional”. Piaget (1975, p. 40) considera a linguagem como uma condição necessária, mas não suficiente ao desenvolvimento, pois existe um trabalho de reorganização da ação cognitiva que não é dado pela linguagem.

Para que a atividade não seja substituída pelo mecanismo de respostas treinadas, importa considerar as possibilidades de realização, de assimilação ativas dos conhecimentos transmitidos. A organização prévia da criança deve ser o ponto de partida. (PIAGET, 1975, p. 07)

Logo se percebe que devemos levar em consideração toda a vivência e conhecimento que a criança traz de casa, do seu cotidiano e também observar que é nesta fase em que começam predominar os *valores vitais* (saúde) e *sensoriais*

(prazer ou carência físicas e afetivas), e quando se dá a passagem da indiferenciação psíquica para a percepção do próprio ser. É o início da fase egocêntrica e dos interesses lúdicos e práticos. Impulso crescente de adaptação ao meio físico e crescente interesse pela comunicação verbal.

“Aprofunda-se a descoberta do mundo concreto e do mundo da linguagem através das atividades lúdicas. Tudo o que acontece ao redor da criança, é para ela, muito importante e significativo.” (COELHO, 2000, p. 33). Também nesta fala de Nelly Novaes Coelho pode-se perceber toda essa transformação para descoberta do mundo, ora se é nessa fase que há uma importância significativa da linguagem através de atividades lúdicas, como também podemos perceber nos estudos de Piaget, a contação de histórias pode ser uma grande aliada neste processo.

O que Piaget chama de conhecimento não se reduz àquilo que o meio pode fornecer ao sujeito através das suas experiências. O conhecimento é sempre mais rico, devido à possibilidade das ações acrescentarem aos objetos elementos novos tirados das ligações entre elas, a saber, relações. “Conhecer é, portanto, agir sobre os objetos e transformá-los.” (PIAGET, 1975, p. 35) Essa colocação de Piaget talvez retrate de forma bastante significativa como se dá a prática de contar histórias para crianças visto que age de forma recíproca no momento em que a criança interage com as histórias e se envolve com estas.

Logo a representação confunde-se com o pensamento, isto é, com toda a inteligência que já não se apóia simplesmente nas percepções e movimentos (inteligência sensório-motora) e sim num sistema de conceitos ou esquemas mentais. “Esta é a representação conceptual ou simplesmente pensamento. No sentido estrito, a representação “reduz-se” à imagem mental ou à recordação-imagem, isto é, à evocação simbólica das realidades ausentes”. (PIAGET, 1975, p. 36). Não é difícil para um educador que teve contato com crianças nesta faixa etária perceber que nesta idade a criança brinca constantemente de assumir um papel fictício: um doutor, um animal, um professor, o que se pode concluir que o uso da contação de história de forma eficaz, como já citado anteriormente, pode contribuir de maneira especial nesta fase do desenvolvimento da criança.

Durante o desenvolvimento da criança ela passa por estágios psicológicos (características dominantes em determinada idade, neste caso cinco anos, como podemos perceber na fala de Piaget no texto acima) que por sua vez precisam ser respeitados e observados no momento da escolha de livros para ela. É importante

ressaltar, que estas etapas não dependem exclusivamente da sua idade, mas de seu nível de amadurecimento psíquico, afetivo e intelectual, seu conhecimento e mecanismos de leitura (COELHO, 2000, p. 35). Assim, é necessária a adequação dos livros as diversas etapas pela qual a criança normalmente passa. Para que seja próprio para seu nível de entendimento e desperte na criança, futuro leitor, desde já o interesse pela leitura.

2.2 Percorrendo a história da literatura infantil

Os primeiros livros direcionados ao público infantil surgiram no século XVIII, época em que houve o crescimento econômico da Europa e a consequente conquista de mais poder político resultando numa nova ordem mundial em que os valores das classes emergentes impunham. Autores como La Fontaine e Charles Perrault escreviam suas obras enfocando principalmente os contos de fadas. De lá para cá, a literatura infantil foi ocupando seu espaço e apresentando sua relevância. Com isso muitos autores foram surgindo, como os Irmãos Grimm e Monteiro Lobato, imortalizados pela grandiosidade de suas obras.

A literatura infantil passa a ser mercadoria, principalmente para a sociedade aristocrática que passou a investir na educação como forma de preparo para vida adulta. Com o passar do tempo a sociedade cresceu, modernizou-se, expandindo assim a produção de livros. (LAJOLO 2002, p. 25).

A partir daí os laços entre a escola e a literatura começam a se estreitar, pois para adquirir livros era preciso que as crianças dominassem a língua escrita e cabia a escola desenvolver esta capacidade. A infância tornou-se, assim, a partir dessa época, o centro das atenções, e as novas instituições condicionavam a criança a desenvolver seu papel na sociedade, o que por sua vez serviu à proposta burguesa de formar mentalidades, de impor suas ideias.

Assim surge outro enfoque relevante para literatura infantil, que na verdade se tratava de uma literatura produzida para adultos e aproveitada para crianças como as *Fábulas* de La Fontaine (1668-1691), *Os Contos de Mamãe Gansa* de Charles Perrault (1697), baseavam-se numa linha moralista, paternalista, centrada numa

representação de poder. Era, portanto, uma literatura para estimular a obediência. Uma literatura intencional que sempre acabava premiando o bom e castigando o considerado mau.

No Brasil, a edição desses livros deu-se só no século XIX, com a implantação da Imprensa Régia e, mesmo assim, servindo a exigências pedagógicas e ideológicas. A produção nacional destes textos consolidou-se a partir da Proclamação da República, quando a sociedade brasileira viu nascer um público que precisava se instruir. Como a escola passou a exercer um papel fundamental na transformação da sociedade rural em urbana, houve uma aproximação entre os livros infantis e os escolares.

A grande virada ocorreu com a publicação, em 1921, de *A menina do narizinho arrebitado*, por Monteiro Lobato, o qual revela a preocupação em escrever histórias para a criança numa linguagem compreensível e atraente para ela, objetivo plenamente alcançado pelo autor cuja obra é um dos pontos mais altos da literatura infantil brasileira. Usando uma linguagem criativa, Lobato rompeu a dependência com o padrão culto: introduziu tanto a moralidade na fala dos personagens como no discurso do narrador. A criação de uma personagem narradora, Dona Benta, que conta as histórias para as crianças.

Na década de 80, quando a abertura política já estava em andamento, a escolarização espalhou-se para o país e a cultura letrada atingiu um público maior, porém ao mesmo tempo virou produto de consumo e perdeu seu sentido crítico, ou seja, já era possível a produção em uma escala maior e, portanto, mais livre (BORDINI, apud AGUIAR, 2001, p. 31). Houve ainda uma explosão de publicações, e a produção de livros infantis tornou-se mais especializada, com ênfase em temas sobre o cotidiano da criança, os contos de fada modernos, em alguns casos, as denúncias sociais.

Esse quadro de larga produção de textos infantis pela indústria editorial mantém-se com toda força nos dias de hoje, fazendo com que seja necessário um olhar atento sobre a qualidade estético-literária das obras. Ao lado da mera comercialização é possível encontrar autores que se propõem representar o universo da criança, produzir textos que propiciem uma expansão dos horizontes e uma expectativa do leitor mirim. Hoje a dimensão da literatura é muito mais ampla e importante, ela propicia as crianças um desenvolvimento emocional, social e cognitivo.

É através de uma história que se pode descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outras regras, outra ética, outra ótica... é ficar sabendo história filosofia, direito, política, sociologia, antropologia, etc. sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula. (ABRAMOVICH, 1997, p. 17)

Segundo Abramovich, (1997, p. 17) quando as crianças ouvem histórias, passam a visualizar de forma mais clara, sentimentos que têm em relação ao mundo, neste sentido, quanto mais cedo a criança tiver contatos com os livros e perceber o prazer que ela produz, maior será a probabilidade dela tornar-se um adulto leitor.

2.3 A importância de uma boa contação de história

...Daí que quando se vai ler uma história – seja qual for – para a criança, não se pode se fazer isso de qualquer jeito, pegando o primeiro volume que se vê na estante... E aí, no decorrer da leitura, demonstrar que não está familiarizado com uma ou outra palavra. (ABRAMOVICH, 1997, p. 18)

Como podemos perceber na fala de Abramovich é necessário que o educador esteja atento no momento de contar histórias, pois a contação acaba contribuindo para a formação do desenvolvimento conceitual que se dá de forma constante nesta fase. Isto também pode ser percebido através dos estudos de Bruno Bettelheim (2002), quando este, a partir de um estudo sobre os contos de fada afirma que a obra infantil é aquela que enquanto diverte a criança, oferece esclarecimentos sobre ela mesma, deste mesmo modo a criança se utiliza de comparações para entender e responder seus questionamentos, de certa forma ela consegue encontrar soluções ou até mesmo saber que existem, visto que toda a problemática gerada pela história desencadeia um final feliz.

Há também que se considerar a presença do professor adulto como um caminho, um estimulador que auxilia a criança a encontrar o mundo contido naquela história, bem como, a classificação do livro também é de extrema importância, pois não podemos descartar que a criança nessa faixa etária de cinco anos conhece símbolos gráficos, algumas até podem ter a noção de sílaba, mas ainda é a imagem que predomina. Nelly Novaes Coelho (2000) ainda destaca que a narrativa deve

desenvolver uma situação simples, linear que tenha princípio meio e fim. O pensamento lógico da criança exige unidade, coerência e organicidade independente de ser fantástica, imaginária ou realista.

Outro ponto importante é pensar na estrutura deste texto, suas palavras, a extensão dos parágrafos o tipo de figuras, sem falar é claro na importância da desenvoltura do narrador. Para Coelho:

O texto deve ser estruturado com palavras de sílabas simples (...) organizadas em frases curtas, nominais ou absolutas (...) enunciadas em ordem direta e jogando com elementos repetitivos, para facilitar a compreensão dos enunciados. (COELHO, 2000, p. 35)

Toda essa estruturação deve vir unida ao papel fundamental do narrador que deve usar de métodos para fazer com que a criança esteja mais atenta a todo o processo de assimilação da história “o narrador pertence ao texto; fora deste ele não existe” (COELHO, 2000, p. 67), mudança de voz, gestos, expressões faciais são algumas das maneiras de fazer com que a criança envolva-se e desenvolva de forma mais concreta seu imaginário de forma que a contação não se dê linearmente, ou seja, de forma intediosa, conforme afirma Coelho é preciso que o narrador não se desmembre da história:

É a técnica de expressão de quem relata um processo; de quem participa emotivamente daquilo que está contando, porque se sente senhor de todos os segredos e de todo o dinamismo da situação em foco. Em essência, é o recurso expressivo de quem está lendo uma perspectiva (...) (COELHO, 2000, p. 83)

É de extrema importância que a criança visualize a figura que está no livro, ou *flashcards*, usados na contação de histórias “evidentemente, o espaço aberto à literatura infantil, em que a imagem fala tanto quanto a palavra”, como podemos perceber na fala de Coelho e também Vygotsky ou Piaget que afirmam que o conhecimento infantil se processa basicamente pelo contato direto da criança com o objeto. É nessa fase que as crianças não dispõem do repertório indispensável à decodificação da linguagem escrita que por sua vez é abstrata, daí entra a peça fundamental para a decodificação desta história da mente infantil: o olhar, a atenção dos olhos. Esta ideia fica bem clara na fala de Coelho:

Concretiza relações abstratas que, só através da palavra, a mente infantil teria dificuldade em perceber; contribui para o desenvolvimento da capacidade da criança para seleção, organização, abstração e síntese dos elementos que compõe o todo (COELHO, 2000, p. 197)

Observando os estudos de Vygotsky em que este define como nível de desenvolvimento potencial aquilo que o indivíduo só é capaz de realizar com ajuda dos outros, neste caso com a ajuda do educador que dá à criança pistas, instruções, demonstrações, em fim, assistência durante este processo, percebemos que neste nível a principal característica está em aprender com outros indivíduos. A zona de desenvolvimento proximal, que é a distância do nível de desenvolvimento real (aquilo que a criança é capaz de realizar sozinha) e de nível de desenvolvimento potencial (quando a criança precisa de auxílio para solucionar problemas). É na verdade, o caminho que o indivíduo percorrerá para desenvolver as funções que ainda estão em desenvolvimento, e que ainda serão consolidadas, ou seja, aquilo que hoje a criança é capaz de fazer somente com a ajuda dos adultos, amanhã conseguirá fazer sozinha. Vygotsky também considera de extrema importância o uso do faz de conta, pois é nela que a criança é capaz de realizar a representação simbólica, em que ela age no mundo imaginário, criado por ela mesma. É muito comum, por exemplo, ao contar histórias que as crianças queiram passar por um de seus personagens, imitá-los, ou ainda viver seus sentimentos (que podem ser facilmente exteriorizados por uma breve encenação da história). Para este autor:

(...) o brinquedo cria uma zona de desenvolvimento proximal na criança. No brinquedo, a criança sempre se comporta além do comportamento habitual de sua idade, além de seu comportamento diário, no brinquedo é como se ela fosse maior do que é na realidade. Como no foco de uma lente de aumento, o brinquedo contém todas as tendências do desenvolvimento, sob forma condensada, sendo, ele mesmo uma grande fonte de desenvolvimento (VYGOTSKY, 1984, p. 117)

A brincadeira de faz de conta, era neste caso para Vygotsky, vista como uma transformação criadora do real que chega ao mundo imaginário de acordo com o conhecimento empírico de cada uma, em que o professor desempenha o papel de mediador neste caminho, que ajudam direcionar e potencializar este desenvolvimento de forma até mesmo mais qualificada. Para ter-se consciência do quanto a história pode contribuir no desenvolvimento infantil e de como ela envolve a criança e colabora do seu desenvolvimento por diversas perspectivas, é preciso ver a situação em ação, vivenciá-la de diversas formas (com ilustração, com mudança

de voz, com recursos de imagem e som) e principalmente utilizar da magia que o conto de fadas, o faz de conta, e sua posterior representação podem causar em todo o processo cognitivo de aprendizagem da criança, mais especificadamente na faixa etária de cinco anos conforma trata este trabalho.

2.4 A necessidade infantil de mágica

Para contar histórias, é bom saber como se faz. Não é simplesmente pegar um livro na prateleira e começar a ler sem mesmo saber o que está escrito, ou ainda ter dificuldades na pronúncia de alguma palavra. Contar histórias é uma arte e ao mesmo tempo é um tipo de espetáculo, representação essa que pode causar na criança sensações diversas que podem vir desde a mudança da voz, da expressão do rosto, de gestos, do entendimento de que o que é lido está realmente naquele livro e isso poderá ser facilmente percebido pela criança até mesmo através da figuras que o professor – narrador mostrará ao fazer a contação da história.

É preciso que uma aula com histórias não sirva apenas para preencher espaços, é necessário que tenha um objetivo, um fundamento bem estruturado para que cause na criança determinada emoção que fará com que nunca mais esqueça aquele momento, aquele sentimento despertado é preciso ser mágico. “Contar apenas para preencher os vazios do tempo é como usar anéis e pulseiras de ouro para trabalhar a terra” (COSTA, 2002, p. 04).

A criança assume que suas relações com o mundo inanimado formam um só padrão, é como se ela interagisse, entra-se dentro da história e isso se dá porque de certa forma o texto age de maneira que a criança se sinta parte dele, interaja diretamente é como se a criança, no momento da leitura, criasse outro mundo além do que, o conto de fadas é sugestivo, eles deixam a fantasia da criança e o modo de visualizar esta história serem reveladores no tempo de vida da criança. “Uma criança confia no que o conto de fada diz porque a vida de mundo aí apresentada está de acordo com a sua”. (BETTLHEIM, 2002 p. 48).

Para a criança não existe uma linha clara separando os objetos das coisas vivas, e o que quer que ela tenha na sua vida parecida com a narração da história,

provavelmente fará algum tipo de conexão e é claro esperará respostas daqueles objetos que despertam sua curiosidade, como podemos perceber na fala de Bettlheim (2002):

E como a criança é egocêntrica, espera que o animal fale sobre as coisas que são realmente significativas para ela, como fazem os animais nos contos de fadas, e da maneira como a própria criança fala com seus pertences ou animais de brinquedo. Uma criança está convencida de que o animal entende e sente como ela, mesmo que não o mostre abertamente.

Ainda para Vygotsky a imaginação é um modo de funcionamento psicológico e especificamente humano, que não está presente nos animais nem nas crianças muito pequenas, e é nesta fase pré-escolar que a criança começa a satisfazer suas necessidades e sua procura pelo imaginário e consequentes respostas. Vygotsky também entende que nesta fase (idade pré-escolar) ocorre uma diferenciação entre os campos de significado e da visão. É como se o pensamento que antes era determinado pelos objetos do exterior passasse agora a ser regido pelas ideias. A criança começa a utilizar materiais para representar uma realidade ausente, como um pedaço de madeira servindo como espada, papéis cortados como dinheiro. A criança é capaz de imaginar e deter-se no significado definido pela brincadeira, tudo isso é muito mágico e facilmente introduzido com as palavras *era uma vez* que estrategicamente iniciam as histórias infantis. É como se a partir do momento o narrador dissesse: “era uma vez” acionasse um botãozinho de determinar que agora é a hora de imaginar, instantaneamente a criança remete-se a um mundo fantasioso e ao mesmo tempo muito próximo.

A criança passa a criar uma situação ilusória e fantasiosa como forma de satisfazer seus desejos não realizáveis, “a criança brinca pela necessidade de agir em relação ao mundo mais amplo dos adultos e não, apenas, ao universo dos objetos a que ela tenha acesso” (VYGOTSKY, 1984, p. 117). Mesmo havendo significativa distância na vida real e o comportamento no brinquedo a atuação no mundo imaginário e o estabelecimento de regras a serem seguidas criam uma zona de desenvolvimento proximal (especificada no capítulo anterior), na medida em que impulsionam conceitos e processos em desenvolvimento.

Assim, no jogo de “faz-de-conta” a criança experimenta diferentes papéis sociais, funções sociais generalizadas, a partir da observação de mundo. A brincadeira é desta forma, um espaço de aprendizagem onde a criança age além do

comportamento cotidiano e do das crianças de sua idade. Essa capacidade de sujeição às regras, imposta pela situação imaginada é uma das fontes de prazer do brinquedo. Daí a razão da fantasia dar uma importante contribuição para o desenvolvimento infantil. Se o professor consegue após contar a história fazer com que os alunos interajam na interpretação da mesma é como se tivesse conseguido alcançar, de forma bastante eficaz, os objetivos primordiais da contação de história, no momento em que consegue transpor o mundo do imaginário, da fantasia, da história para uma representação real e assim conseguir formar, segundo Vygotsky, uma zona de desenvolvimento proximal, ou seja, aproximar aquilo que a criança é capaz de realizar sozinha e a necessidade de auxílio para solucionar problemas, em outras palavras o que a criança precisava da ajuda de adultos para imaginar agora consegue realizar sozinha através da representação simbólica do imaginário.

3 CONTANDO HISTÓRIAS NO JARDIM II

É praticamente impossível contar histórias infantis para criança sem que ela nos remeta a nossa própria infância, o primeiro contato de uma criança com a literatura é através da oralidade, da contação de histórias do pai ou da mãe sendo elas através de um livro, ou ainda de eventuais acontecimentos do passado, como por exemplo, o dia do nascimento, uma data comemorativa, ou até mesmo uma fato trágico. A verdade é que contar histórias, ao mesmo tempo que faz a criança sentir, despertar sentimentos, emoções, vivenciar fatos, é um momento que remete o narrador (nesse caso o educador) a suas experiências passadas que por sua vez também vão contribuir para as experiências atuais dos alunos.

Ao preparar uma aula com histórias, sabe-se o objetivo que se quer alcançar e traçam-se perspectivas de aprendizagens para aquele momento. A questão está no fato de que a contação de história acaba rendendo mais do que o planejado e, muitas vezes, ajuda o educador a entender melhor a realidade dos seus alunos, bem como facilita o entrosamento, desenvolvimento da criança principalmente no que diz respeito a suas problemáticas e perspectivas do desenvolvimento oral, da sua expressão. Isso mais tarde vai repercutir na sua alfabetização como podemos ver, e como já foi citado na revisão literária deste trabalho, quando Vygotsky (1984, p. 117) “comenta o brinquedo contém todas as tendências do desenvolvimento, sob forma condensada, sendo, ele mesmo uma grande fonte de desenvolvimento”.

A primeira aula que serve de base para este estudo aconteceu neste primeiro semestre de 2010 com a história do Patinho Feio. O início da aula foi com a contação da história de Hans Christian Andersen. Logo após a exposição oral da história foram enfatizados valores, a importância de tratarmos bem os outros não importando o quão diferentes podem aparentar. Esta aula surgiu da necessidade que havia sido percebida de tornar a turma mais unida e também buscar a interação de alguns alunos que estavam sendo excluídos devido as ideias dos alunos sobre os amiguinhos que queriam ter.

Na história do Patinho Feio temos dois pólos bem delineados: de um lado a maturação do organismo e a assimilação do ambiente por parte do personagem até ele construir sua identidade. De outro lado, as ingerências do meio e as relações

grupais propiciam as experiências. Nessa linha de raciocínio, a intenção era provocar nas crianças a descoberta de algo interessante naqueles colegas que freqüentemente não eram escolhidos para determinadas brincadeiras e ao mesmo tempo aceitar as diferenças deles.

É importante destacarmos que para a criança pré-escolar, a ideia de que tudo que se move está vivo e, portanto, sua mente é na verdade uma grande fabuladora de mitos, ou seja, percebe intuitivamente o mundo através da literatura o que também pode ser visto no texto de Bruno Bettlheim (2002) no capítulo anterior em que estreita os laços entre o pensamento da criança e a história a que ela é dirigida.

O trabalho com esta história, *O Patinho Feio*¹ prosseguiu com uma dinâmica de grupo na qual houve um sorteio de duplas que deveriam, por sua vez, falar das características do colega. Em um primeiro momento citaram o que viam, as características físicas, mas após serem questionados das qualidades pessoais, ainda que com vocabulário restrito, conseguiram designar alguns adjetivos aos colegas, que, coincidentemente, estavam na história do patinho.

Nessa linha de raciocínio, podemos atentar que existe uma movimentação com o pensar do aluno, ele está agindo na situação. Conforme Piaget é agindo sobre qualquer fato, acontecimento que o aluno realmente aprende (conforme fora citado no capítulo anterior), sem falar que tudo que acontece ao redor da criança é para ela muito importante e muito significativo, é a transformação acontecendo através da descoberta do mundo e aí temos a importância significativa da linguagem lúdica é trazer a história e a sua contação como aliadas neste processo. Como já citava na fundamentação teórica deste trabalho, Piaget é bastante taxativo ao afirmar que “conhecer é, portanto, agir sobre os objetos e transformá-los” (PIAGET, 1975, p. 35).

A contação de histórias mexe com a criança no momento em que ela consegue perceber sentimentalmente que o que acontece com o outro (personagens da história) é realmente muito importante, muito significativo, ela se envolve com a situação que por sua vez tem um final organizado, confortante, fazendo com que a criança perceba que problemas acontecem e podem ser resolvidos.

Para que toda essa sensibilização seja significativa é preciso observar características e pontos importantes no momento de contar a história. Pode

¹ Ver apêndice 01: Contação da história “O Patinho Feio”

perceber isso no momento em que coloquei em prática esta aula no meu estágio e percebi o quanto a criança fica mais atenta na história quando há mudança de voz, quando ela está próxima do narrador e ainda quando ela visualiza as figuras. “É neste momento em que o professor funciona como caminho que auxilia a criança a encontrar um mundo contido na história” (COELHO, 2002, p. 35). Conforme argumentado, na primeira parte deste estudo precisamos entender que não dá para contar histórias de qualquer jeito; é preciso que o professor esteja familiarizado com a palavra, o que faz com que a criança “viaje” de forma mais integrada no momento em que ouve a história.

Para ilustrar esta viagem de forma prática retomo um acontecimento durante a contação do Patinho Feio. No momento em que mudei a voz para narrar a fala do patinho percebi que as crianças despenderam uma atenção bem maior, é como se elas realmente tivessem tomado para si a problemática do personagem, tanto que essa aula rendeu novas atividades voltada ao mesmo objetivo – tornar a turma mais unida – pois foi a partir deste trabalho oral que aconteceu a introdução de outros tipos de textos, foi através deste trabalho que introduzi o poema *Pessoas são diferentes* de Ruth Rocha. A incidência da narração das histórias no meu estágio foi tão significativa que a partir delas pude desenvolver outras habilidades como, por exemplo, organização de ideias, representação teatral entre outros.

Algo que ficou evidente é que todo este rendimento possível na aula com histórias volta mais uma vez ao ponto fundamental da importância “de contar bem”, pois como já citei anteriormente, a presença fundamental do professor que auxilia a criança a contar um mundo contido na história é também responsável, pela classificação do livro a ser usado para que exista coerência, organicidade, independente de ser fantástica ou imaginária a história escolhida tem que ter início, meio e fim.

Há que se levar em consideração a faixa etária da criança, e automaticamente, é importante que o educador entenda as características da fase da criança, penso que se os professores levassem em consideração isso como ponto de partida para suas aulas ficaria muito mais fácil atingir os objetivos de aprendizagem propostos. É claro, que essas características não são iguais para todas as crianças na mesma idade, mas é possível considerar as mais evidentes. Uma passagem interessante de meu estágio, em que pude perceber isso, foi no momento da contação em que algumas crianças eram extremamente egoístas, pois

aconteciam discussões no momento em que adotavam como sua a história do personagem, lembro do conflito entre duas meninas com a seguinte fala: “*eu sou o patinho*”, e a outra respondendo: “*não, eu é que sou*”. Não é difícil para o educador entender determinada situação se atentar para a teoria piagetiana que entende a criança nesta faixa etária como egoísta, e que também a criança conceitua e assume um papel fictício. “No sentido estrito a representação reduz-se à imagem mental, ou à recordação – imagem, isto é, a evocação simbólica das realidades ausentes” (PIAGET, 1975, p. 36).

Se o professor está preparado e conhece que esse tipo de situação é de certa forma normal na faixa em que a criança se encontra, ele também terá mais condições, e mais conhecimento para conseguir lidar com a situação, e isso foi de extrema importância durante a minha prática.

No capítulo a importância de uma boa contação, foram citados os estudos de Vygotsky e sua definição de desenvolvimento potencial como aquilo que o indivíduo é capaz de realizar com a ajuda dos outros, neste caso do educador, que vai servir aqui como mediador dando instruções, assistência que a criança precisa durante este processo. Pude perceber este tipo de situação, que Vygotsky caracteriza como zona de desenvolvimento proximal, claramente durante a contação de histórias, principalmente no momento em que as crianças questionam sobre essas, com perguntas do tipo: “*porque o patinho não voou pra longe*” ou ainda, “*se eu fosse o patinho, eu chorava*”. Nessas duas falas fica bem nítida a distância do nível de desenvolvimento real (aquilo que a criança é capaz de realizar sozinha) visto que, toma uma atitude no momento em que diz que faria algo (neste caso chorar), e de nível de desenvolvimento potencial (quando a criança precisa de auxílio para solucionar problemas) como na fala interrogativa sobre uma atitude que o patinho poderia ter tomado (voar). Penso que é na contação de histórias que podemos perceber todo este trabalho de desenvolvimento pelo qual a criança passa (denominado por Vygotsky como zona de desenvolvimento proximal), ou seja, aquilo que hoje é capaz de fazer somente com a ajuda do adulto, amanhã conseguirá fazer sozinha, pois viveu um sentimento, questionou, formulou argumentos e melhor, conseguiu representá-lo posteriormente (falo aqui do teatrinho que montaram após a história).

No momento em que houve, por parte dos alunos, a oportunidade de recontar a história e também de visualizá-la faz com que a criança formule na prática seu

próprio entendimento da narrativa, é aqui que a memorização tem um papel importante dentro dos seus interesses. É perceptível a vontade que as crianças têm de recontar a história cada vez que paravam em frente ao varal e reviam as figuras, aconteceu muitas vezes também de pedirem para que a mesma história fosse contada outra vez. Quando isso aconteceu percebi que a criança participava mais das frases, pois algumas já estavam memorizando-as. Foi aí que vi a importância de contá-la seguindo a mesma ordem, e é claro, com uma entonação peculiar. Visto que isto ajudou as crianças a serem capazes de narrar por si só as histórias. Ora, se são capazes de narrar as histórias mais a frente, isso vai facilitar-lhes a escrita, já que antecipar o texto lhes dar maior fluência na hora de escrever. Pois como foi dito na fundamentação teórica deste trabalho na fala de Coelho (2000, p. 35) “O texto deve ser estruturado com palavras de sílabas simples (...) organizadas em frases curtas, nominais ou absolutas (...) enunciadas em ordem direta e jogando com elementos repetitivos para facilitar a compreensão dos enunciados”.

3.1 Ler: um jeito da criança compreender o mundo

No momento em que percebi que a contação de histórias era responsável por uma aula eficiente e integradora, “aprendi” a utilizá-la para alcançar meus objetivos. Poderiam ser os objetivos mais diversos que a história iria contribuir de forma direta na aprendizagem. Foi aí que resolvi contar histórias de uma forma diferente. Levei para sala de aula o *notebook* para utilizá-lo na narrativa da história. No primeiro momento a atração principal foi o equipamento, sem falar que as crianças que conheciam apenas haviam utilizado o computador para joguinhos, ou seja, para aqueles que a tecnologia não era nova, passou a ser outro modo de utilizá-la. Comecei a explicar que iríamos usar o *notebook* para, com ele, ouvirmos uma história (que seria narrada por mim e ilustrada pelo computador). O objetivo principal desta aula era introduzir o conceito matemático de seriação (maior, menor), ordenação (primeiro, segundo), bem como a importância do grupo como um todo.

A história² intitulada “O grande rabanete” começou a ser contada com as crianças organizadas em círculo em volta da mesa de modo que pudessem visualizar as figuras. Percebi, quando a capa do livro apareceu na tela, ainda que fosse apenas uma foto, que as crianças entenderam aquela figura como algo em movimento, o recurso da mídia, o computador, deu a ideia (embora fossem apenas fotos) de desenho animado. Logo podemos perceber que o conhecimento que a criança traz de casa do seu cotidiano tem influência direta no modo como age sobre a aprendizagem. Existe também, visivelmente aqui, um impulso de adaptação ao meio e crescente interesse pela comunicação verbal, como fora citado na organização teórica deste trabalho na fala de Coelho (2000, p. 33) “Aprofunda-se a descoberta do mundo concreto e do mundo da linguagem através das atividades lúdicas.” Tudo que acontece ao redor da criança é para ela, muito importante e significativo.

A história trata do empenho de uma família, do avô aos animais de estimação e até mesmo um ratinho em tentar colher um grande rabanete. As ilustrações prosseguiram e as crianças de forma geral queriam logo chegar ao fim das ilustrações, não era pela pressa de ver o fim da história, mas sim pela curiosidade de ver a última figura. Penso que o uso do computador foi o grande responsável por despertar nos alunos a sensação de poder dominar a ordem da história, de ir e voltar no tempo e de certa forma agir sobre ele de forma livre, proporcionada pela mídia. De certa forma as crianças se envolveram de forma mais recíproca na hora da contação, no momento em que conheceram um novo mecanismo de leitura, pois ainda que tenha sido adequado ao seu entendimento, visto que entenderam o que dizia a história, despertou na criança um interesse em dominar o equipamento, porém, conseguindo narrar a história em sua ordem cronológica.

Usar a mídia a favor do educador não é tarefa fácil, como foi visto no capítulo anterior. Percorrendo a história da Literatura percebe-se que a indústria editorial mantém-se com toda força nos dias de hoje, e não há como o professor fugir das tecnologias, mas há como apresentá-las às crianças de forma produtiva que propiciem seu desenvolvimento social, emocional e cognitivo.

² Ver apêndice 02: Contação da história “O Grande Rabanete”

O que se deve levar em consideração é a necessidade infantil de mágica, é como se agora percebesse um novo conceito de contar histórias: uma arte, um espetáculo. Tornar a história inesquecível necessita de um objetivo, um fundamento bem estruturado, um sentimento despertado de forma mágica, como citado por Costa (2002, p. 04) “Contar apenas para preencher os vazios do tempo é como usar anéis e pulseiras de ouro para trabalhar a terra”. O uso da mídia não impediu o pensamento infantil de imaginar, logo após o término da história, que tem em sua essência a ideia de colaboração, as crianças mais uma vez incorporaram os personagens dizendo quem eles queriam ser. Podemos perceber também esse ponto de vista nos estudos de Vygotsky (1984, p. 117) sobre o brinquedo “... no brinquedo, a criança sempre se comporta no comportamento habitual de sua idade (...) é como se ela fosse maior do que é na realidade. Como no foco de uma lente de aumento”.

O trabalho desta história prosseguiu com uma atividade manual em que as crianças ilustraram as gravuras sobre a história, e aí houve uma curiosidade que não havia acontecido com o outro método de contação, elas queriam imitar as cores das figuras vistas no *notebook*. A impressão que tive foi que queriam experimentar como no jogo de faz de conta, a sensação de poder ser parecido com a imagem que viam na tela, a interação conseguida a partir do término da história alcançou uma forma diferente de transpor um mundo imaginário de forma a aproximar o que a criança viu na tela e o que queria realizar sozinha colorindo a imagem no papel. O que eu quero dizer, é que fantasiaram ser as figuras delas as mesmas, ou o mais igual possível, que as do computador. O que não deixa de criar aqui uma zona de desenvolvimento proximal, visto que aproximou a criança daquilo que é capaz de realizar sozinha e a necessidade de elaborar o que gostariam através da representação simbólica do imaginário.

Os conceitos matemáticos foram introduzidos no momento em que as crianças começaram a ordenar qual personagem havia primeiro tentado apanhar o rabanete, bem como o conceito de tamanho pode ser trabalhado, já que o primeiro a tentar apanhar o rabanete era uma pessoa adulta, portanto maior que os que o sucederam, uma menina, entre outros, e por último um ratinho. Porém, a ideia da história também induziu ao conceito de soma visto que só conseguem apanhar o rabanete quando somam as forças de todos os personagens envolvidos. É fácil perceber como a criança assume relações com o mundo inanimado, formando um

só padrão é como se ela interagisse, entrasse na história e isso se dá de certa forma porque a criança sente que é parte do texto como afirma Bettlheim (2002, p.48) “Uma criança confia no que o conto de fada diz porque a vida de mundo aí apresentada está de acordo com a sua”. Além do que a criança está aberta a agir sobre aquela história, a representá-la, visto que para criança não existe uma linha clara separando os objetos das coisas vivas, e o que quer que ela tenha na sua vida parecida com a narração da história provavelmente fará algum tipo de conexão.

Como não poderia deixar de ser, a história foi mais uma vez representada pelas crianças e, curiosamente a atividade se deu a pedido delas, na fala de Vygotsky (1984, p. 117) podemos perceber bem nitidamente como, nesta fase, a criança procura satisfazer suas necessidades e busca o imaginário e consequentes respostas. Para Vygotsky (1984) é na pré-escola que ocorre uma diferenciação nos campos dos significados, é como se o pensamento que antes era determinado pelos objetos do exterior passasse agora a ser regido pelas ideias. A criança começa a utilizar materiais para representar uma realidade ausente.

Para incentivar ainda mais esse processo foi que resolvi construir teatro³ com materiais diversos, como objetos que conseguissem trabalhar ainda mais toda a imaginação, o faz de conta. Dessa vez a representação utilizou-se de coisas mais concretas, como objetos que proporcionassem à criança a visualização de si mesma dentro do personagem, a vovó, por exemplo, usou óculos e vestido, o rabanete foi representado por um papel rosado cobrindo a cabeça da criança que o representava. Conforme Ana Carolina Muller (2005) “O fazer teatral, exige uma estruturação física e mental”, Bettlheim também se refere a esta conexão da criança com o imaginário e nas possíveis respostas que as crianças esperam daqueles objetos, sem falar que é muito interessante quando vemos uma criança entendendo na outra, visualizando em outro colega o personagem da história, eles riem, acham graça, se envolvem vendo o coleguinha vestido de rabanete que, por sua vez, se sente muito bem sendo o rabanete já que neste momento ele também é o centro das atenções.

Isso também pode ser confirmado na fala de Bettlheim (2002, p. 48): “Uma criança está convencida que um animal entende e sente como ela, mesmo que não o mostre abertamente.” Para Vygotsky (1984) tudo isso é um modo de

³ Ver apêndice 03: Representação teatral com materiais diversos

funcionamento psicológico e especificamente humano nomeado imaginação, que não está presente nos animais nem nas crianças muito pequenas, mas que se inicia nesta fase escolar. É neste momento que a criança é capaz de imaginar-se e deter-se no significado definido pela brincadeira, tudo isso é muito mágico.

A criança interage com o mundo inanimado de modo que se sente parte dele, o imaginário passa a ser então, como já referido anteriormente, um modo de satisfazer a sua procura pelo imaginário e por repostas “a criança brinca pela necessidade de agir em relação ao mundo mais amplo dos adultos e não apenas, ao universo dos objetos a que ela tenha acesso” (VYGOTSKY, 1984, p. 117). Outro tópico importante é a capacidade de sujeição às regras impostas pela situação imaginada, além de ser uma das fontes de prazer do brinquedo é talvez um momento em que o faz de conta infantil passe a ser um momento de aprender regras e até mesmo limites.

Para ilustrar a situação limitante que a brincadeira pode oferecer, e que sem ela de alguma forma a brincadeira “não tem graça”, basta lembrar uma frase que ouvi muitas vezes pelas crianças durante meu estágio “Isso não vale” no momento em que se referiam a alguma atitude que um dos personagens tomava saindo do foco da história quando ela era representada. Penso que os objetivos podem tornar-se mais amplamente alcançados quando os alunos interagem na interpretação. Então é como se a contação da história tivesse conseguido transpor o mundo do imaginário, da fantasia, para uma representação real e aí, mais uma vez, dá-se a formação da zona de desenvolvimento proximal. Em outras palavras, o que a criança antes precisava da ajuda do adulto, no papel de narrador, para imaginar, agora consegue realizar sozinha através desta representação do imaginário. Tudo isso vem por sua vez formar um processo cognitivo de aprendizagem, no momento em que forma o desenvolvimento conceitual, pois enquanto diverte oferece esclarecimentos. Como pode ser ilustrado na fala de Abramovich.

Quando as crianças ouvem histórias, passam a visualizar de forma mais clara, sentimentos que têm em relação ao mundo neste sentido, quanto mais cedo a criança tiver contato com os livros e perceber o prazer que ela produz, maior era a probabilidade dela tornar-se um adulto leitor. (ABRAMOVICH, 1997, p. 17)

3.2 Uma ideia final para começar

Se observarmos nosso cotidiano veremos que contar histórias é uma prática constante em vários momentos do nosso dia, desde o que fizemos no trabalho, ou o que aconteceu no final de semana. A verdade é que a prática da narrativa nos acompanha desde sempre, a capacidade de convencimento de cada história, o modo como ela é contada é que vai fazer a diferença, porque isso envolve nossos sentimentos. O que a gente custa a perceber é que essa prática de contação começa desde que somos crianças e começamos a entender a sequência das coisas.

Saber que vamos ouvir histórias, seja ela qual for, desperta um interesse maior e conseqüentemente uma maior fixação na narrativa. Sem falar, é claro, que aprendemos muito com os exemplos das histórias. Se observarmos o enfoque da contação de histórias na educação infantil veremos que o efeito que ela causa é muito parecido, talvez a diferença maior é que o educador, em comparação a uma conversa do cotidiano, tem como sua aliada toda a receptividade, a capacidade de imaginação e de credibilidade puramente infantil.

Saber usar essa contação para envolver o aluno é o desafio do professor, em minha prática de estágio percebi que alguns tópicos eram realmente importantes durante a prática da contação de histórias, desde a voz até a expressão facial era o que fazia a história tomar corpo, fazia a criança imaginar com mais riqueza de detalhes, era preciso que eu soubesse a história, que eu soubesse meu objetivo com aquela história, mas principalmente que eu narrador-professor estivesse emocionalmente envolvido, de uma forma liberal que a ludicidade exige.

A verdade é que este sentimento provocado na criança era, em minha opinião, a chave do sucesso na hora de contar histórias. Percebi que quando despertava sentimento nos alunos eles não esqueciam o que faziam, a história ganhava significado, e conseqüentemente aprendiam. Os frutos de tudo isso eram facilmente colhidos, principalmente nas representações teatrais, nas músicas cantadas, na imitação de algum personagem, em uma fala marcante do livro.

A formação cognitiva do aprendizado do aluno naquele momento ficava marcada, tamanho era o seu envolvimento. Depois que descobri esta senha ficou mais fácil, bastava agora acrescentar a todo esse sentimento, a todos esse envolvimento as novas informações objetivadas pelo meu planejamento, fossem elas ligadas a noções matemáticas, motricidade ou qualquer outra.

Contar histórias passou a ser além de uma alternativa, um ponto de partida onde o envolvimento da criança tornava o aprendizado mais simples, mais facilmente entendido, sem falar que a magia do conto de fadas, da contação de histórias é para as crianças um momento singular. A história é um veículo de ideias, transformador de comportamentos, basta saber dirigi-lo e começar cedo o incentivo a literatura.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo principal deste trabalho foi tentar mostrar como a criança pré-escolar de cinco anos sente-se envolvida no processo de contação de histórias, como se dá o entendimento da mesma por parte dos alunos, bem como o educador pode colaborar no entendimento da narrativa e principalmente conseguir, a partir dela, utilizar meios para fazer sua prática de forma lúdica, mais eficaz e principalmente prazerosa.

Em um primeiro momento o trabalho contempla as características marcantes da criança de cinco anos, seu estágio de desenvolvimento, segundo a visão piagetiana dos estágios de desenvolvimento, logo após foram tecidas considerações sobre o processo histórico da literatura na formação da criança para então falar da importância que tem uma boa contação de história no desenvolvimento infantil.

A necessidade da escolha de material adequado, da entonação de voz, da expressão do narrador foram alguns dos pontos citados, bem como a necessidade do professor planejar a sua aula e conhecer a história que vai ser contada, para que consiga atingir os objetivos previamente propostos.

A importância de contar histórias também se dá devido a necessidade que a criança tem de mágica, de imaginação que foi abordado no presente trabalho como modo de funcionamento psicológico e estratégia para aprendizagem. Logo após essas considerações teóricas o trabalho foi analisado com base no estágio feito com crianças de cinco anos de idade, como requisito de avaliação do presente curso, e nas práticas desenvolvidas.

Ao concluir o presente trabalho podemos considerar a contação de histórias na educação infantil como uma possibilidade abrangente que pode facilitar muito a prática do educador. Necessita ser bem trabalhada e bem planejada. Percebemos que através da contação de histórias, podemos abranger diversos pontos importantes na prática educativa da criança de cinco anos que venha a favorecer seu aprendizado, visto que a contação de histórias traz a possibilidade da transformação do imaginário como forma de organizar a realidade da criança, fazê-la entender assuntos diversos e proporcionar a sua integração com o meio em que vive, bem como o seu desenvolvimento psicológico e social.

Outro aspecto a ser considerado é que todas essas proposições partem do estágio feito no semestre anterior ao término deste curso, e que, portanto, são fatos, pensamentos e ideias que ilustram uma realidade de forma bastante fiel, voltada para o embasamento teórico e também para uma perspectiva de ver a educação infantil de forma mais peculiar, mais especial, como eu mesma pude constatar que ela necessita.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo : Scipione, 1997.

AGUIAR, Vera Teixeira de (Coord.). **Era uma vez... na escola: formando educadores para formar leitores**. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 16ª Ed. Paz e Terra, 2002.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria, análise, didática**. 1.ed. São Paulo : Moderna, 2002.

PIAGET, Jean. **O nascimento da inteligência na criança**. 2º ed. Rio de Janeiro : Zahar, 1975.

SEBER, Maria da Glória. **Construção da inteligência pela criança**, atividades do período pré-operatório. Scipione.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo : Martins Fontes, 1991.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. São Paulo : Global, 2003.

Artigo "A importância da leitura infantil para o desenvolvimento da criança". Disponível no link <http://www.meuartigo.brasilecola.com/educacao/a-importancia-literatura-infantil-para-desenvolvimento.htm>

acessado em 24 de setembro de 2010.

Jornal Letra A, jun./jul. 2005: **Consciência Fonológica: o que é, para que serve e qual a relação com a aprendizagem da leitura e da escrita?**. Disponível no site: <http://www.pead.faced.ufrgs.br/sites/publico/eixo7/linguagem/> acessado em 28 de setembro de 2010.

FUCHS, Ana Carolina Müller. **Improvisação teatral e descentração**. Disponível no site: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/5081/000509730.pdf?sequence=1> Acessado em 01 de outubro de 2010.

APÉNDICE

Apêndice 01: Contação da história “O Patinho Feio”



Fonte: Do autor

Apêndice 02: Contação da história “O Grande Rabanete”



Fonte: Do autor

Apêndice 03: Representação teatral com materiais diversos



Fonte: Do autor